

5.13. O LEVANTAMENTO DAS COLEÇÕES DA UFPEL: UM CAMINHO PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DOS ACERVOS

Lisiane Gastal Pereira

Graduanda Bacharelado em Museologia

Universidade Federal de Pelotas

lisi.gastal@gmail.com

Silvana de Fátima Bojanoski

Professora do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais

Móveis

Universidade Federal de Pelotas

silbojanoski@gmail.com

Resumo: Neste trabalho será abordada a realização do levantamento dos acervos que fazem parte da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que se encontram distribuídos em suas diferentes unidades. O trabalho é decorrente das atividades da Rede de Museus da UFPEL e, a partir dele, será possível conhecer e saber quais são os acervos e as coleções que fazem parte da Universidade, o que possibilitará a elaboração de políticas com relação a estes acervos que pertencem à instituição. A atividade está sendo realizada através de visitas aos acervos, durante as quais é realizada a aplicação de um questionário aos responsáveis pelos locais. Considerando que o patrimônio universitário possui um grande potencial para a difusão do conhecimento produzido pelas instituições de ensino superior, o trabalho que está sendo efetuado deverá resultar em ações e medidas que visam o acesso e democratização destes bens, potencializando desta forma a função social desses acervos que fazem parte das diferentes áreas de conhecimento que compõem a universidade.

Palavras-chave: Patrimônio universitário; Política de acervos; Democratização do conhecimento científico.

A formação de acervos em instituições universitárias

No decorrer dos anos de vida de uma instituição, seja de que natureza for, é comum que se gere e se acumule documentos e objetos que fazem parte da sua história, que tenham um significado com a trajetória e com as atividades desenvolvidas

por aquela instituição. Embora muitas vezes este acervo se forme inicialmente com outros fins, sejam administrativos, técnicos ou outros, estes bens fazem parte da história desta instituição e tornam-se testemunhas das mais diversas relações que se estabeleceram neste espaço, sendo, desta forma, reconhecido no decorrer dos anos, um valor que eleva estes bens ao status de acervo. A formação de coleções configura-se como um fenômeno humano que “provavelmente faz parte das atividades da humanidade desde suas origens” (ALMEIDA, 2001, p. 11). Neste sentido, é objeto de estudo do campo científico da Museologia que caracteriza este fenômeno como o fato museal, ou seja, “é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir” (GUARNIERI, 1990, p. 7 *apud* CURY, 2009, p. 28).

No que tange às instituições de ensino superior, estes acervos possuem profunda relação com as atividades desenvolvidas dentro daquele espaço, que se configuram como atividades acadêmicas relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão das diferentes áreas de conhecimento que integram estas instituições. Em geral, a gestão destas coleções é “fruto de ações individuais de pesquisadores, ou grupos de pesquisadores, que têm particular sensibilidade para a preservação de algum acervo” (RIBEIRO, 2013, p. 96).

Estas coleções podem ter origens diversas, podendo ter sido adquiridas pela instituição ao longo dos anos para atender às demandas relacionadas às atividades acadêmicas, podem ser produto destas atividades como resultado de processos práticos e saídas de campo, por exemplo, ou, ainda, podem ter sido incorporadas às coleções universitárias por meio de doações da comunidade. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que estes acervos se associam com os mais diversos aspectos relacionados com a existência daquela instituição e dos seus processos de desenvolvimento, o que reverbera na história das cidades em que se encontram, e também da sua comunidade, tanto interna como externa.

A museóloga e professora Maria Cristina Oliveira Bruno reitera que “as coleções e acervos, enquanto suportes de informação são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento” (BRUNO, 1997, p. 49). Através desta perspectiva, pode-se afirmar que os acervos não ficam parados no tempo, pois embora contem com itens que fazem parte da memória das atividades acadêmicas, mostrando como que o ensino se desenvolveu ao longo dos anos, também são base para pesquisas e novos estudos, tendo assim uma “uma missão pedagógica e cultural para atender as demandas de pesquisas e da comunidade em geral.” (BOSO, *et al*, 2007, p. 125). Estes acervos, que formam o patrimônio universitário, ganham definições mais específicas, atreladas ao universo do ensino superior:

O 'patrimônio universitário' engloba todos os bens tangíveis e intangíveis relacionados com as instituições de ensino superior e o seu corpo institucional, bem como com a comunidade acadêmica composta por professores/pesquisadores e estudantes, e todo o meio ambiente social e cultural que dá forma a este patrimônio. O 'patrimônio universitário' é composto por todos os traços, tangíveis e intangíveis, da atividade humana relacionada ao ensino superior. É uma grande fonte de riqueza acumulada, que nos remete diretamente à comunidade acadêmica de professores/pesquisadores e estudantes, seus modos de vida, valores, conquistas e sua função social, assim como os modos de transmissão do conhecimento e capacidade para a inovação (UNIÃO EUROPÉIA, 2005 apud RIBEIRO, 2013, p. 90).

Observa-se, através desta definição, que os acervos constituídos no interior destas instituições de ensino contêm um fator que potencializa as ações realizadas nestes espaços. Estes acervos dinamizam e auxiliam as atividades acadêmicas ao permitir outras formas de interiorizar os conteúdos, de uma maneira mais diversificada e integradora, dinamizando assim o aprendizado. Isso é reiterado pelo historiador e pesquisador sobre educação patrimonial Demarchi, ao afirmar que:

O patrimônio é um grande trunfo para as práticas educativas, é possível a partir dele pensarmos nós mesmos, nossa condição histórica, entendermos a alteridade cultural e, ato contínuo, compreendermos o outro, as relações de dominação que levam a subalternizações, podendo também propormos outras tantas questões difíceis (DEMARCHI, 2016, p. 51).

Ao observar todo o potencial atrelado a este patrimônio universitário, verifica-se a necessidade de uma gestão eficiente destes bens. Para isso é necessário que haja políticas eficientes que protejam, divulguem e desenvolvam estes acervos, bem como políticas que tornem estes acervos acessíveis a todos os públicos, para que, desta forma, ele possa atingir o máximo de sua capacidade. Para a museóloga Marilúcia Bottallo

Uma política de gestão de acervos deve esclarecer pontos fundamentais sobre o tratamento das coleções desde formas de uso (estudo, exposição, empréstimos institucionais, por exemplo), até o estabelecimento de uma Política de Aquisição que contemple as principais orientações sobre formas de aquisição e tipologia museológica que deve ser incorporada (BOTTALLO, 2010, p. 53).

Para que haja esse processo, que resulta na valorização e divulgação dos acervos, o primeiro passo necessário é que as instituições e seus gestores conheçam este patrimônio, ou seja, é necessário ter a real dimensão da quantidade, da localização,

da relevância, das demandas, dos trabalhos que são desenvolvidos a partir destes acervos, dentre outros fatores importantes para a definição de políticas claras com relação a estas coleções.

Tendo em vista essa necessidade, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que completou 50 anos de existência no ano de 2019, iniciou, neste mesmo ano, o trabalho de mapeamento dos acervos existentes nas unidades acadêmicas com o objetivo de levantar informações sobre as coleções existentes nos distintos setores da UFPel. O trabalho teve início através da Rede de Museus, programa vinculado a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da UFPel.

Embora a Universidade tenha completado cinco décadas de existência recentemente, é importante destacar que diversas unidades que fazem parte da UFPel são muito mais antigas. Estas unidades foram implementadas na cidade de Pelotas desde fins do século XIX, sendo a mais antiga a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, fundada em 1883 e integrada a UFPel no ano de 1969.

Essa longa história da Universidade e de suas unidades fez com que a UFPel detenha hoje um vasto patrimônio, tanto material quanto imaterial, que contam parte da sua história, como também da história do desenvolvimento da própria cidade de Pelotas, pois uma se vincula a outra, fazendo com que estes acervos também tenham importância em nível municipal e até mesmo regional. O trabalho de mapeamento destes acervos busca a valorização deste patrimônio, e principalmente, a extroversão dos saberes que giram em torno destes acervos, democratizando assim o conhecimento produzido na universidade a toda comunidade. É importante salientar que é necessário conhecer o acervo para desenvolver as suas potencialidades, inclusive no que se refere a questão da acessibilidade e inclusão.

A Rede de Museus da UFPel

Criada no ano de 2017, a Rede de Museus atua através da sua missão de:

Unir as instituições, projetos museológicos, acervos e coleções existentes na Universidade, visando a implantação e manutenção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade (REDE DE MUSEUS DA UFPel, 2017).

A Rede de Museus é formada por uma coordenação, comissão executiva, secretaria e por um Conselho Consultivo, que reúne docentes e técnicos representantes

dos museus da Universidade e dos projetos que possuem um compromisso com a memória e que atuam com acervos da UFPel.

A formação de um Conselho, proporcionada pela Rede, é importante para discussão de temas pertinentes às questões relacionadas aos acervos, definindo ações e políticas importantes para a sua salvaguarda e valorização. A união destes representantes das coleções museológicas universitárias também é importante no que se refere ao auxílio com relação a algumas conquistas, pois as lutas, que antes se davam em um campo mais individual, ganham força ao serem incorporadas a um grupo maior. Como exemplo, pode-se citar as novas instalações do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), que há anos lutavam por espaços mais adequados para o desenvolvimento das suas atividades. As novas sedes destes museus se localizam ao redor da Praça Coronel Pedro Osório, onde já estava instalado, desde a sua inauguração em 2013, o Museu do Doce, ficando, desta forma, centralizadas as instituições museais da Universidade.

A Rede de Museus da UFPel encontra-se inserida em diversas atividades que buscam, através dos museus e acervos universitário, valorizar e difundir a história e o patrimônio museológico da Universidade, desta forma extrovertendo o conhecimento que é produzido em sua esfera, não apenas para a comunidade acadêmica como para a comunidade em geral. Isso pode ser observado a partir dos diversos eventos e atividades organizados pela Rede, que em geral são abertos à comunidade e que buscam a sua participação, como: Dia do Patrimônio, Semana dos Museus, Primavera dos Museus, entre outros. Importante salientar que muitas destas atividades são voltadas a temas relacionados à acessibilidade, o que torna estas ações mais integradoras.

As atividades desenvolvidas pela Rede de Museus em geral se dão através da oferta de oficinas, seminários, cursos, visitas mediadas, entre outras ações que buscam promover a interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento e a participação comunitária. Estas ações ocorrem em geral nos museus da UFPel, que, como dito anteriormente, se encontram ao redor da Praça Coronel Pedro Osório, no Centro da cidade. Estas atividades buscam “incentivar um diálogo franco e de igual perspectiva com a sua comunidade, conhecendo a sua opinião e interagindo, visando um processo de construção comum de cultura” (BEITES, 2011, 19). Além disso, estimulam a visitação aos museus ao mesmo tempo em que auxiliam na divulgação da universidade, suas ações, seus acervos e, principalmente, o conhecimento produzido em seu interior.

Estas iniciativas promovidas pela Rede de Museus não beneficiam somente a comunidade acadêmica como um todo, e a comunidade extramuros, mas também os próprios alunos envolvidos direta ou indiretamente no projeto, principalmente dos cursos de Museologia e de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, que têm nestas ações a oportunidade de colocar em prática o que se aprende em sala de aula.

O trabalho de levantamento dos acervos da UFPel

Tendo em vista toda a trajetória da Rede de Museus com relação ao patrimônio da Universidade e a sua missão no que se refere aos acervos e coleções da instituição, iniciou-se no ano de 2019, o trabalho de levantamento dos acervos da UFPel. Inicialmente, o trabalho se deu através do levantamento e identificação das unidades e setores que compõe a universidade. Através deste levantamento buscou-se entrar em contato com os coordenadores e responsáveis para verificar a possibilidade de existência de acervos e coleções. Algumas unidades relataram não possuir acervos, enquanto outras unidades contam com diversas coleções e projetos voltados à guarda de documentos nos mais variados tipos de suporte. Estas coleções se vinculam a diferentes cursos e, em geral, são relativas à memória de algum tema específico.

Na medida em que foram sendo estabelecidos os locais que possuem acervos, passou-se a realizar as visitas, momento em que se aplica o questionário através de formulário da plataforma *google docs*. O trabalho com esta plataforma é eficiente, pois a ferramenta gera gráficos com percentuais precisos que ficam registrados *online* automaticamente após o preenchimento dos campos, o que agiliza o trabalho.

O questionário é dividido em seis seções, a saber:

- Dados iniciais sobre o acervo/coleção: nesta sessão são preenchidos os dados básicos da coleção, como denominação, unidade a qual se vincula e endereço.
- Questões legais e de acesso às coleções/acervos: esta sessão é importante para obter informações com relação à regulamentação do acervo, como: qual seu vínculo legal; há alguma ferramenta de controle; há alguma normativa que regularize a forma de acesso, entre outros.
- Tipologia e quantificação dos acervos/coleções: nesta sessão identificamos qual o tipo de acervo e se há ciência da quantidade de itens que compõe a coleção.
- Condições dos espaços físicos: nesta sessão avaliam-se as condições físicas do espaço em que a coleção se encontra, o que nos leva a sessão seguinte.
- Demandas e necessidades para melhorar as condições dos acervos/coleções: nesta sessão os coordenadores destacam tudo que seria necessário para que a coleção fique em boas condições de conservação, em segurança e cumprindo sua função de acesso para os fins acadêmicos.
- Identificação de preenchimento: esta seção finaliza o questionário com as informações de quem o realizou.

O trabalho de levantamento dos acervos da UFPel ainda está em fase de andamento. Até o momento foram visitadas coleções no Instituto de Ciências Humanas

(ICH), no Centro de Artes (CA), no Instituto de Biologia (IB), na Faculdade de Educação (FaE), na faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM) e no Curso de Enfermagem (FEO).

Considerações finais

As visitas aos acervos e coleções da UFPEL tem demonstrado como a longa trajetória da Universidade e suas mais diversas ações acabaram gerando acervos de distintas áreas com um potencial enorme de produção de conhecimentos sobre os mais diversos assuntos relacionados ao âmbito acadêmico. Nestes itens, referentes a diferentes épocas e acontecimentos, que são verdadeiros documentos nos mais variados suportes, ficam registradas questões relativas à importância da instituição ao longo da história, ao seu funcionamento passado e atual, às suas peculiaridades, às suas relações com a comunidade exterior, aos desdobramentos referentes a contextos históricos específicos nacionais e mundiais. Como já dito, essas coleções têm uma função que vai além e

Agregam, às funções dos museus não universitários, as demandas por legitimação e difusão dos saberes, experiências, sensibilidades e representações do campo científico e da vida acadêmica, sendo também responsáveis por apresentar a Universidade aos não universitários (RIBEIRO, 2013, p. 92).

Embora o trabalho esteja em andamento, algumas considerações parciais já podem ser feitas com relação ao que foi observado e relatado ao longo das visitas que foram realizadas. A primeira observação é que a maior parte destas coleções encontra-se acondicionada em espaços não adequados para a guarda de acervos, sem uma boa infraestrutura, sem os equipamentos para manter os parâmetros recomendados de temperatura e de umidade relativa do ar para uma melhor conservação do acervo, sem armários e caixas adequados para o acondicionamento, não possui recursos humanos em número suficientemente adequado às demandas que o acervo exige, entre outras questões relativas à sua conservação.

Outro fator importante que pode ser verificado é que a maior parte deste acervo não é disponibilizado de maneira acessível para todos. Vale destacar que muitas demandas citadas pelos coordenadores dos acervos enfatizam questões de acessibilidade, muitas vezes das mais básicas, como acesso físico, que muitas vezes é dificultado pela localização destes acervos. Tendo em vista que todo o cidadão tem direito ao acesso irrestrito e democrático tanto em ambientes públicos quanto

privados, pode-se considerar a acessibilidade “como um atributo essencial do ambiente que garante o exercício da cidadania” (SILVA, 2015, p. 5).

Em geral, embora os acervos sejam abertos ao público interessado, eles acabam ficando restritos aos poucos sujeitos que fazem parte da unidade à qual o acervo está vinculado. A realização do trabalho de levantamento deste acervo gera a base para a criação de políticas que dão maior visibilidade e permitem a democratização da informação e dos métodos de produção científica que ocorrem no interior da Universidade. Neste sentido, estas políticas também são importantes no que se refere às questões de acessibilidade.

O trabalho que está sendo desenvolvido configura-se ainda como um importante laboratório para os alunos que fazem parte do projeto, que tem nesta atividade a oportunidade de conhecer diferentes tipos de acervo, de ficarem mais próximos da realidade institucional, de conhecer de perto os problemas que atingem essas coleções públicas e de que maneiras pode-se buscar soluções. O trabalho busca ainda a revitalização deste patrimônio que muitas vezes, embora possua um potencial enorme, encontra-se esquecido pela maioria nas salas e armários das unidades acadêmicas. Revitalizar este patrimônio significa também torná-lo acessível, pois, como é destacado pela historiadora Maria Isabel Roque “a revitalização do patrimônio passa não só pela forma como o preserva e estuda, mas também pela forma como o disponibiliza e transmite, como o comunica ao seu público” (ROQUE, 2010, p. 51). Desta forma, através desta iniciativa, a Rede de Museus cumpre com parte da sua função social auxiliando no processo de democratização do patrimônio que faz parte da história da UFPEL.

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e coleções universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo**. 2001. Tese, doutorado em Ciências da Informação e Computação – USP, São Paulo.

BEITES, Alexandre Manuel Rodrigues. **O Museu Aberto e Comunicativo: fundamentação e proposta para estudos de públicos à luz de um enfoque info-comunicacional**. 2011. Dissertação, Mestrado em Museologia - Universidade do Porto.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 10, n. 10, p.47-51, 1997.

BOSO, Augisa Karla; SOUZA, Caroline Amanda da Rosa de; CISNE, Caroline dos Santos; CORADI, Joana Paula. A importância do arquivo universitário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 123-131, jan./jun. 2007.

BOTTALLO, Marilúcia. Metodologia para implantação de um sistema de documentação museológica – aspectos gerais. IN: FELIX, Isabel; PAZIN, Márcia. (Ed.). **Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Brodowski: ACAM Portinari, 2010. p. 53-60.

CURY, Marília Xavier. Museologia: novas tendências. In: **Museu e Museologia**. Rio de Janeiro: MAST; 2009.

DEMARCHI, João Lorandi. Educação, patrimônio e sujeitos: diálogo democrático. In: TOLENTINO, Atila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira (Orgs). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. – (Caderno Temático; 5). p. 49-56.

REDE DE MUSEUS DA UFPEL. Missão da Rede de Museus. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/>>. Acesso em 21 abr. 2020.

RIBEIRO, Emanuela Souza. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**. v. 11, n. 4, maio/jun. 2013.

ROQUE, Maria Isabel Rocha. Comunicação no museu. In: BENCHETRIT, Sarah Fassa; BEZERRA, Rafael Zamorano; MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p.47-68.

SILVA, Fernanda Caroline Jennin. **Acessibilidade cultural: uma leitura sobre experiência e plenitude**. 2015. Trabalho de conclusão de curso, Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Eventos - USP, São Paulo.